



Linhas Críticas
ISSN: 1516-4896
rvlinhas@unb.br
Universidade de Brasília
Brasil

Caixeta, Juliana Eugênia; Simões da Silva, Delano Moody; Moreira de Lima, Lídia; Santos
Alves, Euler Brennequer
Entrevistas narrativas mediadas por instrumentos: investigações sobre a identidade
docente
Linhas Críticas, vol. 23, núm. 51, junio-septiembre, 2017, pp. 268-289
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193554180003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Entrevistas narrativas mediadas por instrumentos: investigações sobre a identidade docente

Juliana Eugênia Caixeta
Delano Moody Simões da Silva
Lídia Moreira de Lima
Euler Brennequer Santos Alves
FUP/Universidade de Brasília

Resumo

Neste artigo, temos o objetivo de analisar o uso da entrevista narrativa mediada por instrumentos em pesquisas sobre a identidade docente em dois contextos: PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, usamos a análise temática dialógica para analisar uma dissertação de mestrado, dois artigos e um relatório de pesquisa. O uso da entrevista narrativa mediada por instrumentos tem favorecido a construção de contextos investigativos que provocam o falar de si por meio da interação do/a entrevistado/a com um objeto que se remete à sua história. No caso das pesquisas sobre a identidade docente, o uso de instrumentos tem favorecido o posicionamento da pessoa como professor/a.

Palavras-chave: entrevista narrativa mediada, instrumentos, identidade docente

Instrument-mediated Narrative Interviews: investigations on the teacher Identity

Abstract

In this article, we aim to analyze the use of the instrument - mediated narrative interview in research on teacher identity in two contexts: PIBID - Institutional Scholarship Program Introduction to Teaching and Education of Youths and Adults. Therefore, we use the thematic dialogical analysis to analyze a master's dissertation, two articles and a research report. The use of the instrument-mediated narrative interview has favored the construction of investigative contexts that provoke the self-talk through the interviewee's interaction with an object that is referred to its history. In the case of research on teacher identity, the use of instruments has favored the positioning of the person as teacher.

Keywords: mediated narrative interview, instruments, teacher identity

Entrevistas Narrativas Mediadas por Instrumentos: Investigaciones sobre la Identidad Docente

Resumen

En este artículo, tenemos como objetivo analizar el uso de la entrevista narrativa mediada por instrumentos en investigaciones sobre la identidad docente en dos contextos: PIBID - Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia y Educación de Jóvenes y Adultos. Para ello, usamos el análisis temático dialógico para analizar una disertación de maestría, dos artículos y un informe de investigación. El uso de la entrevista narrativa mediada por instrumentos ha favorecido la construcción de contextos investigativos que provocan el hablar de sí por medio de la interacción del / la entrevistado/a con un objeto que se remite a su historia. En el caso de las investigaciones sobre la identidad docente, el uso de instrumentos ha favorecido el posicionamiento de la persona como profesor / a.

Palabras clave: entrevista narrativa mediada, instrumentos, identidad docente

L'interview narrative médiée par instruments : dans la recherche sur l'identité des enseignants

Résumé

Dans cet article, nous visons à analyser l'utilisation de l'interview narrative médiée par instruments dans la recherche sur l'identité des enseignants dans deux contextes: PIBID - Programme Institutionnel de Bourses pour l'Enseignement et l'Education des Jeunes et des Adultes. Pour ce faire, nous utilisons l'analyse dialogique thématique pour analyser une thèse de maîtrise, deux articles et un rapport de recherche. L'utilisation de l'interview narrative médiée par instruments a favorisé la construction de contextes d'investigation qui provoquent le self-talk à travers l'interaction de l'interviewé avec un objet référé à son histoire. Dans le cas de la recherche sur l'identité des enseignants, l'utilisation d'instruments a favorisé le positionnement de la personne en tant qu'enseignante.

Mots-clés: *entrevue narrative médiatisée, instruments, identité de l'enseignant*

Introdução

Nosso grupo de pesquisa vem investindo interesse e esforços na utilização da entrevista narrativa (Jovchelovitch, & Bauer, 2003) e da entrevista narrativa mediada por instrumentos (Caixeta, & Borges, 2017) como técnicas de pesquisa que permitem a investigação de fenômenos mentais e sociais complexos, como a identidade, a memória, a saudade, entre outros. Neste artigo, temos o objetivo de analisar o uso da entrevista narrativa mediada por instrumentos em pesquisas sobre a identidade docente por entendermos que esta técnica gera contextos específicos de narração de si enquanto uma pessoa que atua na docência. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, considerando dois contextos: o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Caixeta, & Silva, 2017; Lima, Caixeta, & Silva 2017; Alves, Caixeta, & Silva, 2017) e a Educação de Jovens e Adultos - EJA (Gois, 2017). O primeiro contexto se refere a um programa desenvolvido e financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior com o objetivo de incentivar a prática docente com orientação de profissionais professores/as da escola e da universidade, em parceria, tendo em vista o aprimoramento da formação docente ainda na graduação. O segundo, por sua vez, se refere a uma modalidade de ensino que tem por objetivo oportunizar o processo educacional de jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar no ensino fundamental ou médio na idade

esperada (Brasil, 1996). Considerando o fato de o/a professor/a da EJA, por muitos anos, ter trabalhado como voluntário/a e, também, sem a formação específica na docência (Gois, 2017), esta modalidade de ensino se torna um contexto valioso de investigação da identidade docente. Mesmo sendo contextos distintos, ambos possibilitam estudar o processo de identificação docente devido aos contextos que geram de posicionamentos de si como professor/a na atuação docente. Por meio das narrativas, professores/as e estudantes em formação podem enunciar como ocorrem esse processo de construção ao longo de suas histórias de vida e de suas atuações como docentes.

A criação da técnica da entrevista narrativa mediada deriva do pressuposto vigotskiano de que a relação dos seres humanos com o mundo é sempre mediada, ou seja, uma relação indireta, na qual utilizamos instrumentos e símbolos para romper limitações biológicas, sociais e mentais (Vigotski, 1984; 1987). Partindo desse pressuposto do mundo mediado, nossos estudos evidenciaram que o uso de instrumentos mediadores na pesquisa em psicologia do desenvolvimento, que estuda a identidade, funciona como incentivo para a construção de significados sobre os próprios mediadores e sobre si e seu cotidiano na relação que se estabelece entre pesquisador/a e participante. Os instrumentos nas entrevistas possibilitam diferentes formas de aprofundamento das narrativas, porque provocam no/a participante a ação de pensar sobre si e sobre o seu cotidiano de forma mediada por estes instrumentos que vão além da própria natureza concreta, mas constituem em si, um conjunto semiótico.

Narrativas de si: das pesquisas sobre identidade às pesquisas sobre a identidade docente

Falar de si-mesmo/a é um ato de interpretação que implica em tomada de decisões: o que vou falar, para quem e como. Essas decisões ocorrem tanto em nível linguístico quanto de conteúdo, perpassando o contexto social no qual a narração está ocorrendo e a relação de construção de significados entre narrador/a e ouvinte (Benjamin, 1983; Bruner, 1987; 1997; 2003; Bakhtin, 1992; Bruner, & Feldman, 1999; Bruner, & Weisser 1997; Brockmeier, & Harré, 2003; 2002).

Nesse contexto, o si-mesmo/a e os processos de identificação só podem ser compreendidos à luz das interações sociais, que oportunizam a construção da pessoa em seus diversos posicionamentos. Assim, temos que o si-mesmo/a, aqui assumido, também, como *self* dialógico (Hermans, 1996), é o conjunto de identificações que a pessoa constrói nas diversas relações sociais que estabelece e as identificações, por sua vez, dizem respeito aos posicionamentos que a pessoa ocupa no momento da interação sócio-comunicativa e que marca quem eu sou e quem é o outro neste

momento interativo. Nesse contexto, a linguagem tem a função de mediadora das interações sociais e, portanto, das construções identitárias:

O conceito de posicionamento tem se desenvolvido particularmente direcionado ao entendimento do modo como as pessoas constroem suas identidades discursivamente, na relação com os outros, e às funções sociais de assumir para si mesmo ou atribuir a outros determinadas posições (Oliveira, Guanaes, & Costa, 2004, p.76).

Neste trabalho, entendemos que os processos de identificação são dinâmicos, portanto, os posicionamentos ocupam diferentes significados no processo de interação social e comunicacional. Isto implica afirmar que os posicionamentos que constroem a identificação têm diferentes significados e importância para a pessoa nos diversos momentos interativos, provocando, portanto, diferenças qualitativas na configuração do *self* dialógico. Isto se deve ao caráter dinâmico e multifacetado do *self* que é constituído na interação social, a partir do encontro e desencontro entre si e o outro/não-outro, entre si e o grupo/não-grupo e entre si e as instituições sociais diversas (Stryker, 1968; Stryker, & Burke, 2000; Hermans, 1996; Davies, & Harré, 2001; Valsiner, 2002).

Para Stryker e Burke (2000), as identificações criam valores que podem aumentar o nível de comprometimento da pessoa com o grupo, aumentando a probabilidade de que uma identificação seja preponderante sobre as demais num determinado contexto. Para os mesmos autores, o comprometimento reflete a densidade de laços sociais, ou, em outras palavras, é uma característica da estrutura social na qual o sujeito está inserido.

Comparando a organização das identificações com uma pirâmide, Pinto (2000) clarifica as idéias de Stryker (1968) e Stryker e Burke (2000), explicando que as identificações relevantes, em um contexto interacional específico, ocupariam posições mais altas na pirâmide, tendo maior probabilidade de serem evocadas em determinados contextos que outras. Stryker (1968) define evocação como “a percepção de uma identidade como relevante para uma interação particular” (p.560).

Com isto, concluímos que a organização das identificações é bastante dinâmica, de forma que, utilizando a metáfora, a pirâmide seria diferente nos diversos encontros sociais, pois os posicionamentos que o EU ocupa neles são diferentes e construídos e negociados no momento da interação sócio-comunicativa, afinal, como afirmam Davies e Harré (2001), os posicionamentos têm a ver com o lugar que o *self* ocupa na interação e que é reconhecido pelo outro.

Neste contexto, as narrativas autobiográficas são ricas estratégias de mediação da formação profissional e, também, de investigação dessa formação, por permitirem,

ao mesmo tempo, a reflexão; a partilha e a construção de posicionamentos de si enquanto profissional (Nóvoa, & Finger, 1998; Abrahão, 2004; Puntel, & Cunha, 2004; Goodson, 2007; Nóvoa, 2000; Tsyganok, 2011; Passeggi, 2011). O uso das histórias de vida para investigar a formação e a identidade docentes é relativamente recente. Os primeiros estudos com o uso de narrativas em educação datam da década de 1960 do século XX (Silva, & Costa, 2010) e se configuram como uma resposta à crise do paradigma positivista e funcionalista, que não conseguiam dar conta de novos e complexos fenômenos sociais, que requeriam uma nova concepção de ciência e de método, uma vez que o desafio era compreender fenômenos que se transformavam: “nos interessam (...) as evoluções, as crises e as instabilidades. Já não queremos estudar apenas o que permanece, mas também o que se transforma” (Sudbrack, 1992, p.51).

A primeira consequência desta crise foi a valorização da singularidade do ser humano e de seu grupo, possibilitando novos temas e métodos de estudo, como a história oral e os relatos de vida (Pollak, 1992; Silva, & Costa, 2010). Na educação, a consequência foi um conjunto de estudos que se dedicavam a dar voz aos/as professores/as para entender os fenômenos educacionais a partir da ótica deles/as, ou seja, de quem os vivia e os produzia. Dentre os fenômenos investigados, podemos citar a formação docente inicial e continuada, a trajetória docente e a identidade docente, entendendo por formação aquela que diz respeito à educação formal, constituída em espaços formais de aprendizagem e por trajetória docente a vida que se vive na atuação como docente. Essas definições foram desenvolvidas por nós, inspiradas/os pelos trabalhos de Nóvoa (1991; 1995; 2000).

No Brasil, o uso das narrativas, na educação, teve início nos anos 1990 do século XX, como “dispositivo de pesquisa-formação” (Passeggi, 2016, p. 4) e como técnica de pesquisa na abordagem qualitativa (Silva, & Costa, 2010; Passeggi, 2011). O espírito da época, então, é de valorizar a pessoa do/a professor/a: sua história, suas ideias, suas emoções e sua maneira de contar a sua vida no ofício docente (Nóvoa, 2000). Neste contexto, ouvir as histórias de vida é reconhecer que aquela pessoa sabe peculiaridades sobre si e sua cultura que interessam à ciência: “o objetivo é buscar os sentidos, os significados da narrativa e da situação narrativa (interpretar não somente o que foi dito, mas o que foi dito nesta situação precisa), buscando inseri-los no contexto mais amplo de itinerários pessoais e coletivos” (Maluf, 1999, p. 75).

A atividade narrativa se configura, portanto, uma atividade de resolução de problemas, na qual lembrar e interpretar são realizados tendo o outro-social como referência. Então, falar de si como professor/a exige que a pessoa assuma um posicionamento específico de si perante o outro social com quem convive e o/a entrevistador/a no ato da entrevista. A atividade docente é concebida, no cotidiano do/a professor/a, a partir de suas experiências, seus valores e sua história (Pimenta, 1997). Esse é um grande desafio para os cursos de formação de professores, pois para o/a futuro/a docente

entender o cotidiano de sua profissão é necessário fazer-se imerso no processo educacional, que não é garantido por algumas horas de estágio. Dessa forma, os processos formativos dos/as futuros/as professores/as devem acontecer no seu espaço/local de atuação, a escola, possibilitando uma formação dentro da própria profissão (Nóvoa, 1991; 2000). Ainda para Pimenta (1997), os cursos de formação inicial tem como principal desafio o de ajudar no processo de transformação dos/as estudantes do seu “ver o professor como aluno” para o seu “ver-se professor”.

Para Ponte, Oliveira e Varandas (2001) e Ponte (2000), a identidade do/a professor/a engloba: a) o conhecimento que a pessoa tem de ser professor/a; b) o conhecimento de como funciona o ensino e suas instituições; c) o conhecimento específico, ligado à disciplina que leciona; d) o conhecimento procedimental de ser professor/a, ou seja, sua atuação como professor/a e e) a interrelação entre a história de vida e profissional. A constituição desses saberes pelo/a professor/a além de auxiliá-lo/a a construir sua identidade (Pimenta, 1996) também possibilita que ele/a seja produtor/a desses saberes (Campos, & Diniz, 2001).

Neste contexto, as histórias de vida como recurso metodológico de pesquisa se relacionam à compreensão de que o *self* dialógico é narrador e, consequentemente, polifônico, portanto, as narrativas de si possibilitam a concretização dos diversos posicionamentos EU na interação com o outro, mediada pela linguagem no gênero narrativo, que privilegiadamente, no âmbito da cultura, é o gênero discursivo que organiza as experiências humanas (Bruner, 1997).

A entrevista narrativa mediada por instrumentos

A entrevista narrativa mediada por instrumentos tem sido desenvolvida como uma técnica de pesquisa que fomenta a narrativa do/a entrevistado/a a partir da interação dele/a com um instrumento mediador, no contexto da entrevista (Caixeta, & Borges, 2017). O objetivo de mediar a entrevista com um instrumento é gerar contextos deliberados, ou seja, intencionais para a pessoa falar de si, orientada por lembranças evocadas pela interação dela com o objeto. Desde 2001, quando esta técnica foi utilizada pela primeira vez (Caixeta, 2001) no contexto do Grupo de [Nome do Grupo], da Universidade [Nome da universidade], até o momento atual, temos compreendido que a entrevista narrativa mediada favorece:

- a) aparecimento de novos personagens nas narrativas; b) construção de novas relações entre os personagens das narrativas; c) detalhamento de eventos narrados em entrevistas anteriores; d) construção de novas posições-EU no processo de identificação; e) construção de novos significados para a história de si e para os próprios artefatos

mediadores e f) construção de novas emoções, afetos e valores no processo narrativo (Caixeta & Borges, 2017, p. 603).

E acrescentamos: favorece contextos que evocam identificações preponderantes específicas de si. Assim, por exemplo, em pesquisas sobre a identidade docente (Borges, 2012; Carlucci, 2013; Gois, 2017), o uso de instrumentos mediadores nas entrevistas narrativas têm gerado contextos específicos de fala de si relacionados a este posicionamento: ser professor/a.

Nestas pesquisas, as identificações profissionais são definidas como o conjunto de posicionamentos que a pessoa construiu/constrói, ocupou e ocupa e/ou ocupará, nas diversas relações sociais ao longo da vida e ao longo do estudo que fazemos e que expressam conhecimentos específicos sobre a atuação profissional, formas de executar a atuação profissional e, também, as consequências sociais e pessoais desses posicionamentos, entendendo posicionamento como:

(...) um grupo complexo de atributos pessoais genéricos, estruturado de vários modos, e que tem um efeito limitante sobre as possibilidades de ações interpessoais, integradas ou mesmo intrapessoal, através de algumas designações de direitos, deveres e obrigações a um indivíduo, conforme sustentado pelo grupo (Harré, & Van Langenhove, 1999, p.1).

Como características, a entrevista narrativa mediada por instrumentos: é um tipo de entrevista narrativa que: a) fomenta delineamento de pesquisas com triangulação metodológica (Flick, 2009; Gois, 2017); b) constrói contextos de interação que possibilitam o/a entrevistado/a se posicionar de maneira específica no ato da conversação e c) apresenta flexibilidade quanto à escolha dos instrumentos mediadores uma vez que eles podem ser escolhidos pelo/a entrevistador/a (Borges, 2006; Alves, Oliveira, & Caixeta, 2016) ou pelo/a participante (Caixeta, 2006; Gois, 2017). Podendo haver a possibilidade de ser uma escolha negociada entre entrevistador/a e participante.

A Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da seleção de uma dissertação de mestrado: Góis (2017), dois artigos (Lima, Caixeta, & Silva, 2017; Alves, Caixeta, & Silva, 2017) e um relatório de pesquisa (Caixeta & Silva, 2017). A escolha desses

documentos se refere ao fato de terem como objeto de pesquisa a identidade docente, usarem a entrevista narrativa mediada por instrumentos como técnica de construção de informações e terem, pelo menos um/a pesquisador/a vinculado/a ao grupo de Pesquisa Nome.

A análise de dados foi feita pela análise temática dialógica (Fávero, & Mello, 1997; Caixeta, 2001; Caixeta, 2006), focando as contribuições do uso da entrevista narrativa mediada por instrumentos no estudo da identidade docente.

A entrevista narrativa mediada por instrumentos na investigação da identidade docente no contexto do PIBID

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da CAPES com o objetivo de fortalecer a formação de professores em diversas áreas do conhecimento para atuarem na Educação Básica. O PIBID, na Universidade de Brasília, teve início em 2009 (Cavalin, 2011) e, atualmente, conta com a participação de mais de 10 cursos de licenciatura. Este estudo teve como objetivo conhecer a contribuição do PIBID para a construção da identidade docente. Para tanto, participaram seis estudantes bolsistas do PIBID de Biologia, Ciências Naturais e Física. Esta pesquisa foi desenvolvida por quatro pesquisadores, sendo dois professores da universidade, dois bolsistas do Programa de Iniciação Científica, nomeados, neste artigo, pesquisadores bolsistas.

Como técnicas de construção das informações, utilizamos a entrevista narrativa e a entrevista narrativa mediada, foco deste artigo.

Para que a entrevista narrativa e a entrevista narrativa mediada fossem executadas, foi necessário um processo de formação dos pesquisadores, especialmente dos bolsistas. Este processo consistiu em: revisão da literatura de artigos científicos que tratassem, conjuntamente, a temática identidade docente, formação de professores e PIBID; leitura de textos relativos à metodologia qualitativa (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013), entrevista narrativa (Caixeta, 2006) e entrevista narrativa mediada (Alves, Oliveira, & Caixeta, 2016). Após as leituras e debates dos textos, os pesquisadores bolsistas desenvolveram uma entrevista com um participante-alvo da pesquisa com o objetivo de experienciar as técnicas de pesquisa discutidas e escolhidas para este projeto de pesquisa.

Esta experiência foi relevante, porque, mesmo com as leituras e os debates, o grupo de pesquisadores identificou o desenvolvimento de entrevistas semi-estruturadas e não de entrevistas narrativas. A entrevista semi-estruturada tem sido muito utilizada em pesquisas nas áreas da educação e da psicologia, além de outras. Sua

principal característica é ser uma técnica de pesquisa que se fundamenta no diálogo, direcionado por um roteiro de entrevista, que contém perguntas, previamente selecionadas pelos/as pesquisadores/as; ou por um protocolo, que contém temas, também, previamente selecionados pelos/as pesquisadores/as, para orientar a interação entre entrevistador/a e entrevistado/a (Yin, 2016). No entanto, uma importante característica da entrevista semi-estruturada é a flexibilidade do uso do roteiro ou do protocolo. Eles podem ser modificados na medida em que o diálogo entre entrevistador/a e entrevistado/a se desenvolve.

Pode ser que surja a dúvida sobre a entrevista narrativa também ter como característica a flexibilidade, por não ter um roteiro prévio e ser construída no diálogo. No entanto, para o nosso grupo, é importante argumentar que o uso do termo flexibilidade é adequado para a entrevista semi-estruturada, mas não para a entrevista narrativa. A entrevista semi-estruturada permite a maleabilidade de procedimento de usar integral ou parcialmente o instrumento de pesquisa construído, seja ele um protocolo ou roteiro de entrevista. Portanto, a flexibilidade se refere ao uso do roteiro ou do protocolo na entrevista semi-estruturada; enquanto que este termo não é adequado à entrevista narrativa, que é uma possibilidade construída no ato interativo.

A entrevista narrativa é uma obra construída no momento da interação, na qual nós, entrevistadores/as não ficamos interferindo na fala da pessoa; mas nossa presença provoca reflexões sobre o que e como contar as histórias escolhidas para este momento interativo. A entrevista narrativa possibilita a construção de uma narrativa entre tantas possíveis. Narrar a própria vida é um processo dialógico, que passa pelo outro social que ouve essa história e, mais que isso, depende dele. A narrativa da própria vida é construída no espaço de possibilidades entre EU e TU. Esse espaço, chamado semiosfera apresenta a multiplicidade de histórias, os recursos linguísticos, o conhecimento que cada um possui sobre o outro e sobre a cultura, além de conter as relações de poder entre os grupos (Lotman, 1990; Rommetveit, 1992).

Nas palavras de Hermans (1996), temos que:

quando há um contador de história, há sempre um ouvinte real ou imaginário presente que influencia o que é dito e o modo como é dito. Contar uma história é contá-la para alguém. Em outras palavras, contar história é um processo dialético e, de fato, uma co-construção entre contador e ouvinte (p.12).

Por isso, defendemos que não há flexibilidade na entrevista narrativa, há uma construção possível. Neste contexto, a implicação de se usar entrevista semi-estruturada ao invés de entrevista narrativa se refere à direcionalidade conferida ao discurso do/a entrevistado/a. Na pesquisa qualitativa, com delineamento de pesquisa

narrativa, o posicionamento dos/as pesquisadores/as é de dar voz à/ao entrevistado/a, posicionando-o/a como protagonista, como autor/a de sua própria história, uma vez que estamos interessados/as em como o/a entrevistado/a, no caso, os bolsistas ou os/as professores/as orientadores/as do PIBID, narram sua história como bolsistas, a partir dos valores, das crenças e do que compreendem como experiência do PIBID para si, entendendo por experiência aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Bondía, 2002, p.21).

O uso das entrevistas narrativas em pesquisas sobre identidade docente centra seu interesse na interpretação que a pessoa do/a professor/a ou do/a futuro/a professor/a, como no caso desta pesquisa, faz da sua própria trajetória: “[...] é necessário conhecer as experiências e vivências de professores, a sua história de vida e o seu processo formativo. Vivências que, pelos relatos, revelaram as interpretações representacionais do seu fazer pedagógico e podem ilustrar atitudes, posturas pessoais, profissionais e pensamentos” (Puntel, 2002, p. 27).

Com o fato de os pesquisadores bolsistas terem feito uma entrevista semi-estruturada e não narrativa, foi necessário estudar as transcrições. Para isso, os pesquisadores professores, significados como aqueles mais experientes, teceram provocações para estimular os pesquisadores juniores bolsistas a refletirem sobre a entrevista feita. Esta análise foi muito importante, porque possibilitou aos pesquisadores bolsistas compreenderem a atuação do/a entrevistador/a no contexto da entrevista narrativa e da entrevista narrativa mediada.

Com esse processo de formação, a equipe iniciou o processo de construção das informações propriamente dita. A construção de dados foi realizada considerando três técnicas de construção de informações: entrevista narrativa; entrevista narrativa mediada e carta. Como objetivo desse artigo é discutir o uso das entrevistas narrativa e narrativa mediada, não utilizaremos os dados construídos por meio das cartas, os quais serão discutidos em trabalhos posteriores. O delineamento do procedimento foi: na entrevista narrativa, o/a pesquisador/a fomentava seu início com a pergunta: conte-me suas experiências no PIBID. Antes, porém, havia a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE que apresentava o objetivo da pesquisa, o método de construção de informações e, também, a previsão de divulgação dos resultados. Além disso, no Termo, havia o registro do caráter voluntário e sigiloso do processo. A entrevista narrativa só era feita, se o/a participante concordava em participar e assinava o TCLE.

Ao final da entrevista narrativa, era solicitado ao/à participante que, para a próxima seção de entrevista, ele/a levasse algum(ns) objeto(s) que se relacionasse(m) as suas vivências no PIBID, para compor uma “caixinha de lembranças” (Pereira, 2003).

Na entrevista narrativa mediada, o/a pesquisador/a solicitava ao/à participante que mostrasse os objetos escolhidos e, por meio da pergunta: conte-me o que este objeto tem a ver com suas vivências no PIBID, desenvolvia a entrevista.

Como o foco deste artigo se centra no uso da entrevista narrativa mediada para o estudo da identidade docente, a seguir, apresentamos alguns trechos de fala, transcritos e analisados por meio da análise temática dialógica (Fávero, & Mello, 1997), dos/as bolsistas do PIBID sobre os objetos escolhidos para, posteriormente, fazermos algumas reflexões sobre a relevância desta técnica de pesquisa para se estudar a identidade docente desses/as bolsistas. É importante esclarecer que os nomes utilizados neste artigo são todos fictícios, para preservar a identidade dos/as participantes.

O estudante Eduardo trouxe uma série de objetos para a entrevista mediada e os apresentou da seguinte forma:

A gente ganhou lá na escola no começo do ano quando... voltou as aulas. Aí, aqui, os objetos são um caderninho de anotação que a gente usa prá... nossas reuniões do PIBID, prá anotar tudo o que a gente faz (...). Aí, tirando o caderno deu mais um monte de coisas, veio um apagador, veio canetas variadas das três cores: azul, vermelho e preto; um lápis; uns pincéis para quadro branco, uma borracha, uma cola e esses papeizinhos que eu não sei o nome (Eduardo) (Lima, 2017, p. 1).

Sobre o significado desses objetos, Eduardo continua: “o significado de compromisso” (Lima, 2017, p. 1).

Já a fala da estudante Dandara: *“Tem mais significado metafórico. É... uma caneta, porque no PIBID, a gente tem a oportunidade de aprender fazendo, de errar... não é o fim do mundo se você não dar uma aula bem, você pode tentar de novo outro dia”* e continua: *“uma peça de quebra cabeça, porque o PIBID pra mim ele é a chave fundamental na Licenciatura, porque sem a prática é aquilo que eu te falei... sem a prática, falta alguma coisa, prá você sentir na pele o quê que é a coisa de fato”* (Lima, 2017, p. 3).

Os objetos estimulam a atividade de lembrança de maneira a correlacionar a atuação docente a objetos específicos da atuação profissional, por exemplo: pincéis, cadernos, canetas e, também, a modos de execução da profissão, por exemplo: para ser professor/a, é preciso planejar a mediação e avaliá-la com vistas ao aprimoramento da atuação; para ser professor/a, você deve interagir com o/a professor/a regente e, também, com os/as estudantes da classe.

Os objetos também remeteram às conseqüências da atuação profissional para si e, conseqüentemente, para os outros sociais que os rodeiam. No caso dos/as bolsistas do PIBID, os objetos foram a concretização da identidade docente por diferentes motivos: 1. os objetos são resultado da interação deles/as com seus/suas pares e com os/as estudantes. Muitos objetos levados para a entrevista foram presentes de estudantes da escola ou de colegas professores/as; 2. os objetos são a prova do

reconhecimento de si como professores/as e 3. os objetos anunciam formas possíveis de atuação no ofício docente para o aqui-agora, mas, também, para o futuro onde esses/as estudantes bolsistas se projetam.

A entrevista narrativa mediada por instrumentos na investigação da identidade docente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Trata-se da pesquisa de mestrado de Gois (2017) sobre a identidade docente no contexto da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa foi realizada com quatro professores/as nos primeiros anos de docência das cidades de Brasília e Aracaju. Todos/as lecionavam na EJA em escolas públicas.

A construção das informações contemplou três tipos de entrevistas: entrevista narrativa, nomeada pela pesquisadora de entrevista aberta, entrevista episódica (Flick, 2003) e entrevista narrativa mediada por objetos e a escritura de duas cartas: uma sobre o ser docente da EJA e outra como se fosse Secretário/a de Educação da sua cidade. Para a construção das informações, foi solicitada a autorização aos/às participantes, também, pela assinatura do TCLE.

A análise de dados foi desenvolvida por meio da análise temática dialógica e da análise pragmática do discurso.

Sobre a entrevista mediada por objetos, apresentaremos um par de fala e de descrição do objeto para cada participante. O objetivo dessa apresentação é inspirar análises sobre o uso de objetos em entrevistas mediadas para a investigação da identidade docente.

Fala de Rosa sobre a fotografia que trouxe para a sessão de entrevista narrativa mediada:

Eu fiquei pensando muito no que eu traria. Tivesse relacionado à minha profissão mesmo. E aí um objeto eu não consegui pensar em uma coisa que me representasse: Tá! Vou escolher uma fotografia então! Eu tenho fotografia do curso com meus amigos, no momento da formatura também eu pensei em trazer alguma foto da colação de grau. Só que aí mexendo nas coisas lá encontrei uma foto do estágio aí pensei: Não! Vou levar essa foto do estágio. Porque foi a partir daí que eu comecei a me ver como professora de verdade (Entrevista Mediada por Fotografia, linhas 15 a 21). (Gois, 2017, p. 66)

Pedro escolheu uma placa de formatura e, sobre ela, afirma:

[...] enquanto eu estava acabando a graduação eu também ensinei dei aula particular e aí essa aluna minha ela estava tentando a seleção para o mestrado. Aí ela precisava da língua estrangeira. Ai eu passei dando essas aulas pra ela e tal e aí quando foi a minha formatura ela me presenteou com essa plaquinha. Aí eu achei legal trazer e falar sobre porque representa essa relação com o aluno de retorno, de um bom relacionamento, quando o aluno vira amigo também, todas essas coisas. Aí eu achei legal trazer isso (Entrevista Mediada por Objeto, linhas 7 a 13). (Gois, 2017, p. 83-84).

João não escolheu a sua voz para representar seu objeto e trouxe, também, um pincel para representá-la:

Eu particularmente acho que o que me representa enquanto professor é a minha voz. É o instrumento que eu uso o tempo todo, né? E outro objeto, eu não pensei nada assim específico, sei lá é a forma como eu registro (*Entrevista Mediada, linhas 5 a 8*). (Gois, 2017, p. 112).

E continua: “Acho que são as duas coisas que me definiriam como professor seria pincel ou caneta alguma coisa do tipo e a minha voz, mas acho que a minha voz está em primeiro lugar. Risos (*Entrevista Mediada, linhas 32 a 34*)” (Gois, 2017, p. 113).

O professor Cláudio escolheu o livro ““Isaac Newton e a Transmutação da Alquimia: uma visão alternativa da revolução científica”, de Philip Ashley Fanning” (Gois, 2017, p.126-127), devido ao seu encantamento com a ciência:

As minhas falas, elas não são todas programáticas, de sala em sala como se eu tivesse reproduzindo um texto, não! Tô lá pra mexer. Se o cara pergunta sobre história, eu estudo história; se o cara pergunta sobre filosofia, eu estudo filosofia. Se ele estuda ciências, eu estudo ciências, se ele estuda geografia, eu estudo geografia. Não que eu seja mais profundo, conheça mais do que qualquer um, mas eu conheço! E a imagem do professor pra mim é aquele cara que tem o livro na mão, misterioso, que parece que contém os segredos de alguma coisa. E o aluno fica olhando: Caraca! Esse é o cara! Meu Deus ele sempre tá com o livro na mão diferente todo dia. E tem mais um monte, ele sempre tá lendo. O que será que ele tá lendo ali, né? Eu acho que não tem uma figura mais interessante para o professor do que o livro. Essa é na verdade, a verdadeira ferramenta dele: é o conhecimento, cara! Não é exatamente o quadro e o giz. É a mente dele. E o livro é isso. Essa é a imagem (*Entrevista Mediada, linhas 52 a 65*). (Gois, 2017, p. 127-128).

Caixeta, Dantas e Barbato (2010) explicam que a dinâmica de posicionamentos que compõem a identidade docente pode ser estudada por meio do modelo de construção identitária proposto por Caixeta e Barbato (2004), em que se considera dois processos: modo de execução do posicionamento e consequências desse posicionamento para si e para os outros. Considerando esta possibilidade de compreensão da identidade docente, a entrevista narrativa mediada por objetos na pesquisa de Gois (2017) demonstra que os/as professores/as em início de carreira trouxeram objetos que se remetiam ao modo de execução da profissão professor/a, inclusive, ao apresentarem à pesquisadora objetos que são de uso típico na atuação docente, como, por exemplo, a voz, o livro e o pincel, ou ainda, quando, por meio do objeto, conseguiam enunciar competências relevantes à atuação docente, por exemplo: estudar; relacionar-se com os/as estudantes e atuar como professor/a na sala de aula. A principal consequência, construída pelas lembranças evocadas e construídas pela mediação dos objetos, se refere a um reconhecimento de si como professor/a: eu sou professor/a e me posiciono dessa maneira porque uso instrumentos de professor/a; vivencio processos formativos de professor/a e me relaciono com os outros sociais como professor/a.

Os objetos foram relevantes para: 1. endossar as histórias narradas pelos/as participantes na primeira entrevista, que foi aberta; 2. para inovar a história de si com novas reflexões sobre a formação e postura como professor/a 3. para descrever competências docentes e 4. para se assumirem como professor/a por meio das crenças e valores que possuem sobre o que é ser professor/a.

Considerações Finais

O uso da entrevista narrativa mediada por instrumentos tem favorecido a construção de contextos investigativos que provocam o falar de si por meio da interação do/a entrevistado/a com um objeto que se remete à sua história. No caso das pesquisas sobre a identidade docente, o uso de instrumentos tem favorecido o posicionamento da pessoa como professor/a, seja ele/a já graduado/a ou em formação, como o caso da pesquisa sobre os/as bolsistas do PIBID, apresentada neste artigo.

A entrevista narrativa mediada por instrumentos permitiu que os/as participantes das diferentes pesquisas trouxessem objetos que os/as ajudaram e parecem ajudar, continuamente, a construir a sua identidade docente. Os objetos são símbolos empoderados de um saber que se remete ao ser professor/a. Por meio dos objetos, os/as participantes das pesquisas descreveram, apresentaram e problematizaram as atividades, os instrumentos de trabalho, as relações e as expectativas que eles/as e

os outros têm sobre o ser professor/a como profissional socialmente nominado e, também, na sua atuação.

As narrativas, construídas pela mediação dos objetos, permitiram inspirar, questionar, suscitar emoções e reflexões de si por meio da concretização das lembranças em artefatos concretos, que marcam e marcaram suas histórias. Os/As participantes se sentem professores/as, no caso da formação inicial, por terem aqueles objetos. No caso dos/a professores/a da EJA é como se, sem aqueles artefatos, eles/a não fossem professores/a: sem minha formatura, sem minha voz, sem meus livros. Portanto, os objetos, nas narrativas, ora apresentam e representam pontos de mudança em seus processos de desenvolvimento, por exemplo, quando Rosa anuncia que o estágio, para ela, foi o tornar-se “professora de verdade”; ora marca definitivamente quem se é: “Caraça! Esse é o cara!”.

Os objetos compartilhados nas entrevistas narrativas mediadas permitiram a construção de um significado preponderante sobre ser professor/a e o viver como professor/a, para todos/as os/as participantes, que se refere ao posicionamento de si como educador/a, alguém que tem o compromisso de partilhar, de provocar, de apoiar e de promover não só a aprendizagem de conceitos específicos relacionados às disciplinas com as quais atuam. Os objetos trazidos e significados no ato da entrevista fazem referência à carreira docente e não à matéria que eles/as ensinam. Saber a matéria e como ensiná-la é importante, mas não é só isso que me faz professor/a. Os objetos indicaram que o que me faz professor/a é esse conjunto complexo de recursos físicos, emocionais, cognitivos e sociais que mobilizo para partilhar com o outro um saber que é coletivamente construído. O que pudemos perceber, portanto, é que o uso de objetos em entrevistas narrativas entrelaça lembranças individuais e memória coletiva sobre o ser docente numa rica reflexão de si, considerando o ofício de professor/a.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). (2004). *Identidade e Vida de Educadores Rio-grandenses: Narrativas na primeira pessoa (...e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

ALVES, E.B.S.; OLIVEIRA, V.T. DE, & CAIXETA. (2016, julho). Cada lugar, um lugar; cada lugar, uma lei; cada lei, uma razão: um estudo sobre concepções de gangues. *Atas. 5º Congresso Iberoamericano de Investigação Qualitativa, CIAIQ 2016*, vol. 3, Porto, Portugal, 544-553.

- ALVES, E.B.S.; CAIXETA, J.E., & SILVA, D.M. da. (2017). Os diferentes modelos de formação de professores relacionados ao PIBID na Universidade de Brasília. *Anais. Anais. 27º Congresso de Iniciação Científica*. Brasília, Brasil, 1-12.
- BAKHTIN, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BENJAMIN, W. (1983). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskow. In W, Benjamin; M. Horkheimer; T. W. Adorno & J. Habermas (Orgs.). *Textos Escolhidos*. São Paulo: Victor Civita.
- BONDÍA, J.L. (2002). Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- BORGES, F. T. (2006). *"Tantos jeitos de ver!": Um estudo sobre os significados de olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano no Contexto SocioCultural, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- BORGES, F.T. (2012). A professora que vemos nos filmes: construção identitária e significados da docência. *Cadernos Cedes*, 32 (88), 303-317.
- BROCKMEIER, J., & HARRÉ, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 1-17.
- BRUNER, J.S. (1987). Life as narrative. *Social Research*, 54 (1), 11-32.
- BRUNER, J. S. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BRUNER, J.S. (2003). The narrative creation of self. In *Making Stories*. Law, Literature, Life. Harvard: Harvard University Press.
- BRUNER, J., & FELDMAN, C. F. (1995/1999). Group narrative as a cultural context of autobiography. In D. C. Rubin (Org.). *Remembering our past: studies in autobiographical memory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRUNER, J., & WEISSER, S. (1991). The invention of self: autobiography and its forms. In D. R. Olson & N. Torrance (Orgs.). *Literacy and orality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAIXETA, J.E. (2001). *A mulher em envelhecimento no seu cotidiano: diálogos, textos e imagens sobre a identidade feminina*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano no Contexto SocioCultural, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- CAIXETA, J.E., & BARBATO, S. (2004). Identidade feminina: um conceito complexo. *Paideia [on-line]*, 14(28), 211-220.

CAIXETA, J.E. (2006). *Guardiões da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano no Contexto SocioCultural, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

CAIXETA, J.E.; DANTAS, A.G., & BARBATO, S.B. (2010). *Novas Tecnologias e formação de professores: um estudo sobre os significados construídos por alunas graduandas em Letras e Artes sobre o ser professora*. (Relatório de Pesquisa/2010), Brasília, DF, Projeto Articulationes entre conocimiento e identidad profesional en las prácticas de enseñanza-aprendizaje en la educación Universitaria a distancia. Universidad Nacional de Educación a Distancia – Uned, Universidade Aberta do Brasil, Universidade de Brasília.

CAIXETA, J.E., & SILVA, D.M. da. (2017). *As contribuições do PIBID para o processo de formação de professores na Universidade de Brasília (UnB)* (Relatório de Pesquisa/2017), Brasília, DF, Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

CAIXETA, J.E., & BORGES, F.T. (2017, julho). Entrevista narrativa mediada no estudo do desenvolvimento humano. *Atas. 6º Congresso Iberoamericano de Investigação Qualitativa, CIAIQ 2017*, v. 1, 600-609.

CAMPOS, L. M. L., & DINIZ, R. E. S. (2001). A prática como fonte de aprendizagem e o saber da experiência: o que dizem professores de ciências e de biologia. *Investigações em Ensino de Ciências*, 6 (1), 79-96.

CARLUCCI, A. P. (2013). *De mediador a elo promotor: um estudo sobre os posicionamentos plurais de professores em contextos virtuais de aprendizagem*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Saúde. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

CAVALLIN, E. C. (2011). *Implantação e trajetória do PIBID/Química/UnB no período de 2009-2011: análise e relato no olhar do licenciando*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química), Instituto de Química, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

DAVIES, B., & HARRÉ, R. (2001). Positioning: the discursive production of selves. In M. Wetherell; S. Taylor & S. Yates (Orgs.). *Discourse Theory and Practice*. London: Sage Publications.

FÁVERO, M.H., & MELLO, R.M. (1997). Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (1), 131-136.

FLICK, U. (2003). Entrevista Episódica. In M.W. BAUER & G. GASKELL (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

FLICK, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed/Bookman.

GOIS, D.N. dos S. (2017). *Produção da identidade docente e profissional na educação de jovens e adultos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Saúde, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

GOODSON, I. F. (2007). Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In A. NÓVOA (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto.

HARRÉ, R., & VAN LANGENHOVE, L. (2003). Introducing Positioning Theory. In *Positioning Theory: Moral contexts of intentional action*. Massachusetts, USA: Blackwell Publishers Ltd.

HERMANS, H.J.M. (1996). Voicing the self: from information processing to dialogical interchange. *American Psychological Association PsycNET*, 119 (1), 31-50.

JOVCHELOVITCH, S., & BAUER, M.W. (2003). Entrevista Narrativa. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

LIMA, L.M.; CAIXETA, J.E.M & SILVA, D.M. da (2017). As contribuições do PIBID para o processo de formação de professores na Universidade de Brasília. *Anais. 27º Congresso de Iniciação Científica*. Brasília, Brasil, 1-10.

LIMA, L.M. (2017). Textos de Transcrição. [Mimeo]. Faculdade UnB Planaltina, Brasília.

LOTMAN, Y. (2001). *The universe of mind*. London: IB Tauris Publishers, London.

MALUF, S. W. (1999). Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, 5 (12), 69-82.

NÓVOA, A. (1991). *A formação contínua de professores: realidade e perspectiva*. Portugal: Universidade de Aveiro.

NÓVOA, A. (1995). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

NÓVOA, A. (Org.). (2000). *Vidas de Professores*. Porto: Editora Porto.

NÓVOA, A. & FINGER, M.(1988). (orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Cadernos de Formação. Lisboa: Pentaedro.

OLIVEIRA, Z. DE M. R. DE; GUANAES, C., & COSTA, N.R. DO A. (2004). Discutindo

o conceito de “Jogos de Papéis”: uma interface com a “Teoria do Posicionamento”. In M. C. Rossetti-Ferreira; K. de S. Amorim; A.P.S. da & A.M.A. Carvalho (Orgs.). *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: ARTMED.

PASSEGGI, M. DA C. F. B. S. (2011). A experiência em formação. *Educação*, 34 (2), 147-156.

PASSEGGI, M. DA C. F. B. S. (2016). As narrativas autobiográficas: método de pesquisa e dispositivo de formação. [Slides]. Apresentação Oral. II Seminário Internacional de Musicologia da UnB. I Encontro Temático Música em Contexto. Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília.

PINTO, R.J.V. DE M. (2000). *Trabalho e identidade: o eu faço construindo o eu sou*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

PIMENTA, S. G. (1996). Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. *Revista da Faculdade de Educação*, 22 (2), 72-89.

POLLAK, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 10, 200-215.

PONTE, J.P. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? *Revista Ibero-Americana de Educación*, 24, 63-90.

PONTE, J.P.; OLIVEIRA, H., & VARANDAS, J.M. (2003). O contributo das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento do conhecimento e da identidade profissional. In D. FIORENTINI (Org.). *Formação de professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares*. Campinas: Mercado das Letras.

PUNTEL, G. (2002). *O processo formativo na história de vida da professora Paschoa Maria Puntel dos Santos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil.

PUNTEL, G., & CUNHA, J. L. da P. (2004). Maria Puntel dos Santos: Sentidos e significados de uma trajetória docente. In: Abrahão, M.H.M.B. (Org.). *Identidade e Vida de Educadores Rio-grandenses: Narrativas na primeira pessoa (...e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

ROMMETVEIT, R. (1992). Outlines of a dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication. In A.H. WOLD (Org.) *The dialogical alternative. Towards a theory of language and mind*. Oslo: Scandinavian University Press.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, E.F., & LUCIO, M. del P. B. (2013). Metodologia de Pesquisa (5a ed.). Porto Alegre: Penso.

SILVA, M. do R. de F. V. da, & COSTA, M. L. da. (2010, Narrativas e Pesquisa em Educação: Possibilidades Formativas e Investigativas. *Anais. VI Encontro de Pesquisa em Educação PPGED/UFPI*, Teresina, PI, Brasil, 1-14. Recuperado em 02 novembro, 2017, de http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_23.pdf.

STRYKER, S. (1968). Identity salience and role performance: the relevance of Symbolic Interaction Theory for family research. *Journal of Marriage and the Family*, 30(4), 558-564.

STRYKER, S., & BURKE, P.J. (2000). The past, present and future of an Identity Theory. *Social Psychology Quarterly*, 63 (4), p. 284-297.

SUDBRACK, F.O. (1992). Integrando psicologia social e da personalidade: reflexões a partir do paradigma eco-sistêmico e da epistemologia da complexidade. *Psico*, 23 (1), 49-67.

TSYGANOK, M.M.B. (2011). Formação docente: um educador, suas histórias de vida e os sentidos produzidos sobre a educação inclusiva. Monografia. Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília. Recuperado em 02 novembro, 2017, de <http://bdm.unb.br/handle/10483/1706?mode=full>.

VALSINER, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, 12 (2), 251-265.

VIGOTSKI, L.S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L.S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

YIN, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso.

Juliana Eugênia Caixeta é Professora da Universidade de Brasília, campus Planaltina. Graduada em Psicologia (1999), Mestre (2001) e Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2006). Membro do Laboratório de Apoio e Pesquisa em Ensino de Ciências - LAPEC. Professora orientadora de projetos do PRODOCÊNCIA da CAPES - Programa de Consolidação das Licenciaturas, da Faculdade UnB Planaltina (FUP). Coordenadora do Projeto Educação e Psicologia: mediações possíveis em tempo de inclusão da Faculdade UnB Planaltina. Subcoordenadora de Atividades do Projeto Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente na Escola e na Formação Continuada de Professores, Novos Talentos 2012 da CAPES. eugenia45@hotmail.com.

Delano Moody Simões da Silva (Universidade de Brasília, Brasil) é professor na UnB para o curso de licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina (FUP). Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade de Brasília (UnB) em 1995 e ingressei e mestre em Ecologia. Tem como áreas de interesse formação de professores de ciências, ensino de ciências e recursos didáticos.

Lídia Moreira de Lima (Universidade de Brasília, Brasil) é graduando do curso Licenciatura em Ciências Naturais, da Universidade de Brasília, campus Planaltina. Membro do projeto de pesquisa e extensão Educação e Psicologia: mediações possíveis em tempo de inclusão. Membro e Estagiária do Laboratório de Apoio e Pesquisa em Ensino de Ciências. Estudante voluntária do Prodocência (2011-2017). Atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (2016-2017). Atuação nas escolas Centro de Ensino Educacional 01 e Centro de Ensino Fundamental 08, em Planaltina, pelo projeto financiado pelo Edital 13 da FAP DF.

Euler Brennequer Santos Alves (Universidade de Brasília, Brasil) é Graduando no curso Licenciatura em Ciências Naturais, Universidade de Brasília, Campus UnB Planaltina-FUP. Atuando no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica-PIBIC (2016-2017). Bolsista no projeto de extensão Educação e Psicologia: mediações possíveis em tempo de inclusão. Voluntário no projeto Inclusão, Educação e Psicologia: mediações possíveis na escola e na universidade. Estudante voluntário no PRODOCÊNCIA (2015-2017) Formação de professores: ação-reflexão-inovação.